

ensaio

# O que aprendi

**Nelson Pereira dos Santos**

1

Eu tinha 20 anos e fui a Paris de navio com uma bolsa do governo francês para estudar cinema. O cargueiro italiano demorou tanto para chegar que acabei perdendo o prazo da matrícula. Fiquei por lá quatro meses e ia toda tarde à Cinemateca assistir filmes. Foi minha melhor escola de cinema, um curso completo de realismo francês dos anos 30. Me formei em direito. Já trabalhava com cinema e só faltava uma matéria para eu pegar o diploma: direito processual civil. O professor da prova oral me disse para escolher sobre o que falar. Ele sacou que eu não era do ramo. Perguntou o que eu queria da vida e falei do cinema. Me fez jurar que eu nunca seguiria a carreira de direito. Em troca, me aprovou na hora. Depois, quando as coisas davam errado, me lembrava da promessa feita ao professor e nunca desisti do cinema. O dinheiro do aluguel garanti como jornalista e professor.

Minha mãe é a pessoa mais importante da minha vida. "Se não comer tudo, não vai ao cinema." Domingo, a sessão começava à uma da tarde e ia até as sete da noite: dois filmes, mais um seriado, desenho animado e *trailer* do filme seguinte. Eu era moleque e não queria perder nada, detestava me atrasar e perder o começo do filme. A macarronada era servida ao meio-dia em ponto. Eu engolia rápido e limpava o prato. Meus pais eram fanáticos por cinema. A palavra cinéfilo nem existia, mas era isso que eles eram.

Meu desafio como diretor é escolher o ator certo. Depois de escolhido, o negócio é com ele. Saímos juntos, vamos a um botequim e conversamos sobre o filme. O ofício do ator é sagrado e interfiro o mínimo possível. É meu jeito de trabalhar. Admiro a coragem dos atores.

Saí do Partido Comunista em 1956, depois que fui a um festival em Praga com *Rio, 40 Graus*. Lá, o movimento antistalinista crescia com a publicação do Relatório Krushev, que denunciava os crimes do Stálin. Mas o pessoal do partido no Brasil dizia que era intriga da imprensa burguesa. Eu simplesmente caí fora daquele subterrâneo e não me arrependo. Nunca mais me filiei a nenhum partido político.

*Como Era Gostos o Meu Francês* foi proibido por causa da nudez frontal do Arduíno Colasanti. Mais tarde, o Jarbas Passarinho, ministro da Cultura, quis liberar o filme e mostrou para os bispos da CNBB. Umas freiras assistiram e disseram que a única coisa imoral do filme era a cena em que um francês mata o outro.

Ficam dizendo que nos filmes que fiz em Parati só rolava droga, mas o que tinha mesmo era cachaça depois da filmagem. Não dá para fumar maconha e trabalhar, comandar equipe, enquadrar um plano. Maconha se fuma para ficar numa boa. Minha equipe tem liberdade de fazer o que bem quiser, mas não me venha atrapalhar a filmagem.

Fui convidado a fazer um longa sobre a dupla sertaneja Milionário e José Rico, *Estrada da Vida*. A ideia era fazer um filme tipo *Nashville*, uma visão irônica da música caipira, mas me lembrei de como meu pai gostava dessas músicas e decidi fazer um filme respeitoso. Recomendei à minha equipe ouvir música sertaneja até acostumarem os ouvidos. Eram jovens vindos da USP e só queriam *rock*. Na estreia, os camaradas de esquerda não acreditaram. O filme foi exibido num festival na Itália. Cheguei no final da sessão. Na saída, um amigo uruguaio me viu e atravessou a rua para não cruzar comigo. Em plena ditadura, não me perdoaram por fazer um filme sem ideologia política.

Carlos Vereza é disciplinado em todos os detalhes. No primeiro dia de filmagem de *Memórias do Cárcere*, estávamos prontos para rodar: centenas de figurantes, os integralistas, os estudantes, a polícia. Me chega o assistente de direção ao pé do ouvido: "Vereza não vai filmar." Reclamava que o figurino estava incompleto. Exigia cueca samba-canção, apesar de aparecer completamente vestido em cena. Pedi que arrumassem um pijama qualquer. Cortamos a calça na altura da coxa e fizemos a bainha. Meu pai era alfaiate. Minha mãe era filha de alfaiate.

Quando *Memórias do Cárcere* foi exibido em Cannes, o escritor francês Le Clézio, que ganhou o último Nobel de Literatura, escreveu um ensaio de seis páginas na revista *Le Nouvel Observateur* exaltando o filme. Ele circulava pelo festival incógnito e entrava numa sessão aleatoriamente.

Namoros, mulheres, atrizes? Essa eu pulo. Me casei muito cedo, aos 20 anos. Mas não foi um problema, pelo contrário. O casamento me deu mais liberdade para trabalhar em paz, para criar meus filmes, cuidar das minhas coisas. Eu e minha mulher tivemos algumas rugas, separações temporárias, mas nossa união prevaleceu por 50 anos, até a morte dela.

Há muita mitologia com a parafernália do cinema. Para mim, cinema é quadro: em cima, embaixo, esquerda e direita. Você tem que combinar tudo dentro desse espaço. Se o cinema evoluiu, não foi pela tecnologia, mas pela linguagem inovadora. O filme era mudo e sem cor, depois ficou sonoro e colorido. Isso não torna um filme mais interessante em sua essência. Mas quando os italianos vieram com o neorealismo, ou quando os franceses criaram a Nouvelle Vague, aí, sim, foi um marco. A evolução se deu no nível das ideias, da concepção do filme, e não dos equipamentos. A literatura não melhorou por causa do computador.

Nunca saí na porrada em *set* de filmagem. Não deixo ninguém brigar comigo. Se eu não fosse cineasta, seria diplomata. Estou ficando um pouco ranzinza, não suporto mais frescurinhas, marcação de foco, muita gente em volta, longas esperas.

O maior filme de todos os tempos? A obra do Buñuel como conjunto, ou qualquer filme dele.

Eu diria a um garoto que está começando: tenha a pretensão de transformar as coisas sem se submeter a uma filiação partidária, como fez a minha geração. Isso embaça a visão.

Acredito em Deus de vez em quando, ou quando pega fogo no motor do avião. Não me chateio com bobagem porque o tempo é curto.



## **dEsEnrEdoS**

ano I - **número dois**  
setembro outubro 2009  
**ISSN** 2175 3903

### **editores**

Adriano Lobão Aragão  
Wanderson Lima

### **design e programação visual**

Adriano Lobão Aragão

### **conselho editorial**

Adriano Lobão Aragão  
Alfredo Werney Lima Torres  
Carlange Lobão de Castro  
Cleber Ranieri Ribas de Almeida  
Herasmo Braga de Oliveira Brito  
José Wanderson Lima Torres  
Newton de Oliveira Lima  
Roselany de Holanda Duarte  
Sebastião Edson Macedo

### **imagem desta edição**

Gabriel Archanjo

### **contatos**

lobaoaragao@gmail.com  
wandersonortorres@hotmail.com

As opiniões, fundamentações teóricas e adequação vocabular são de exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

### **galeria**

Gabriel Archanjo

### **entrevista**

Luiz Costa Lima

### **poesia**

Alfredo Fressia / Demétrios Galvão  
Floriano Martins / Manoel Ricardo de Lima  
Rodrigo Petronio / Virginia Boechat

### **prosa de ficção**

Bruno Medina / Cícero Burity  
Wellington Soares / Zuenir Ventura

### **tradução**

Ezra Pound, por Dirceu Villa  
Lee Harwood, por Sebastião Edson Macedo  
Konstantino Kavafi, por Sebastião Edson Macedo  
Santa Teresa d'Ávila, por Wanderson Lima

### **ensaio**

Alexandre Matias – Cultura do Remix  
Camilo Rocha – Pra que serve um crítico musical  
Cláudia Lage – As pessoas, os escritores  
Daniel Piza – Existe público, sim  
Floriano Martins – A poesia de José Santiago Naud  
José Saramago – Uma certa inocência  
Maiara Gouveia – Do limite, o salto  
Miguel Sanches Neto – Herói primitivo  
**Nelson Pereira dos Santos – O que aprendi**

Paulo Nassar – O (en)canto do blog  
Ruy Castro – Chico Buarque falou por nós

### **bloco de notas**

Adriano Lobão Aragão / Wanderson Lima

### **resenha**

Alexandre Marques – Charles Taylor e a genealogia da espiritualidade moderna

### **Artigo científico**

Articulação entre melodia e prosódia na canção popular brasileira: uma análise de "Retrato em Preto e Branco" - Alfredo Werney  
A paixão do clérigo Frollo como fator determinante para a violência: um estudo comparativo entre o livro O corcunda de Notre-Dame e o filme de William Dieterle - Antonia Pereira de Souza  
Juventude e fanzine: a cartografia de uma prática subversiva - Demétrios Galvão  
A ironia militante de Murilo Rubião - Herasmo Braga de Oliveira Brito  
Há uma primavera em cada vida - a fugacidade do tempo em Florbela Espanca - Lígia Mychelle de Melo Silva  
Gustav Radbruch e a fundamentação de uma teoria racionalista dos direitos humanos - Newton de Oliveira Lima  
Nietzsche e Weber: diálogos entre o cientista e o legislador - Ranieri Ribas  
O slogan: persuasão e fim da experiência - Roselany Duarte